

Cuidar e educar: reflexões da perspectiva da Psicologia

Care and educate: reflections from the perspective of Psychology

Maria Eufrásia de Faria Bremberger¹

Vera Lúcia Trevisan de Souza²

Resumo

O cuidar e o educar no contexto educacional infantil têm sido marcados por vários debates pela comunidade científica e esfera política, já que as ações que emanam dos cuidados nesses ambientes institucionais recaem sobre o desenvolvimento da criança. Essa pesquisa, de natureza bibliográfica, buscou analisar como produções científicas de dissertações e teses dos programas de pós-graduação em Psicologia tratam dessa questão e quais as ideias que sustentam a concepção de cuidar e educar, após divulgação do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Teve como fonte o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Os resultados dessa pesquisa constataram que as produções em Psicologia, de certa forma, apresentam uma visão mais pedagógica do que propriamente psicológica do fenômeno, cujo olhar está mais voltado ao fazer da ação pedagógica do professor do que ao se relacionar. Além disso, atribuem a melhor formação dos professores como primordial na promoção da saúde psicológica das crianças, conferindo-lhes excessiva responsabilidade e desconsiderando a complexa rede de relações que caracterizam esses espaços.

Palavras-chave: Cuidar e educar. Psicologia educacional. Saúde psicológica.

Abstract

The caring for and educating children in the educational setting has been marked by several debates in the scientific community and the political sphere since the actions that emanate from institutional care in these environments interfere on the child's development. This research, bibliographic in nature, aimed to analyze how the scientific production of the dissertations, from postgraduate programs in Psychology, address this issue and what are the ideas behind the concept of caring for and educating, after the release of the National Curriculum for Early Childhood Education. It had as its source the database of Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel. It was found that Psychology somehow is a more pedagogical than actually psychological phenomenon, its focus was the teacher's pedagogical action instead of the relationship established within. Attributed to better training of primary teachers is considered more important to promote psychological health of children, giving teachers' great responsibility and ignoring the complex network of relationships that characterize these spaces.

Keywords: Care and educate. Educational psychology. Psychological health.

¹ Professora, Faculdades Integradas Einstein de Limeira, Departamento de Psicologia. R. Raul Machado, 134, 13485-024, Limeira, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.E.F. BREMBERGER. E-mail: <brembergerfb@ig.com.br>.

² Professora Doutora, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Campinas, SP, Brasil.

Introdução

O cuidado está na raiz primeira do ser humano e engloba a dimensão existencial e afetiva e, no contexto educacional, cuidar é, necessariamente, uma atividade relacional. Se o objeto das ações são pessoas e não coisas, cuidar envolve “responder às necessidades particulares, concretas, físicas, espirituais, intelectuais, psíquicas e emocionais de outros”, afirma Tiriba (2005, p.11).

A essência primordial do cuidado é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano, o que demanda, nessa perspectiva, tanto cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva, quanto cuidados voltados aos aspectos biológicos, tais como: alimentação, higiene, descanso e outros procedimentos relacionados às necessidades básicas das crianças e de sua saúde física, menciona o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998, p.24).

A educação da infância em espaços formais tem sido um fenômeno presente em todas as sociedades contemporâneas. No Brasil há uma ampla rede de ações que envolve a educação formal no âmbito político-constitucional, iniciada desde a promulgação da Constituição de 1988 e reafirmada posteriormente com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, entre outros. Essas iniciativas reconhecem, então, que há de se designar um espaço próprio de educação para a infância (Azevedo & Schnetzler, 2005; Campos, 2006).

No campo da Psicologia muito se tem debruçado sobre a questão da educação, pois este processo, desde seu surgimento como categoria social, relaciona-se diretamente com o desenvolvimento humano de uma forma global. Wallon (1979), cuja obra está centrada no desenvolvimento infantil, considera que a primeira infância constitui-se de etapas primordiais das quais derivam a gênese da maior parte dos processos psíquicos para a

constituição do indivíduo. Atribui às emoções um papel de primeira grandeza nessa formação psíquica, funcionando como um amálgama entre o social e o orgânico, ao passo que, é dessa relação puramente afetiva que surge gradualmente a vida racional. Portanto, em se tratando do processo ensino-aprendizagem, aponta a importância da dimensão afetiva na constituição do sujeito bem como na construção do conhecimento, já que as interações que ocorrem no contexto escolar são marcadas pela afetividade em todos os aspectos, como nas relações que se estabelecem entre os sujeitos, com os diversos objetos do conhecimento e com as demais atividades propostas e desenvolvidas.

Logo, é consensual tanto na comunidade científica quanto na esfera político, social e econômica que os cuidados na primeira infância são essenciais ao desenvolvimento da criança e ao crescimento de um país, sobretudo quando se analisam alguns indicadores sociais apresentados pelos relatórios do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Aponta que o atendimento integral dessa faixa etária aumenta as chances de as crianças atingirem um nível de escolaridade maior com redução da repetência e desenvolverem aspectos de resiliência e autoestima positiva, além de prepará-las para a vida familiar e comunitária. Ou seja, a frequência de uma criança em um espaço de ensino formal tende a promover sua saúde psicológica (Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2008).

Com base nessas considerações, busca-se definir os objetivos deste trabalho: analisar as produções científicas de dissertações e teses desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Psicologia no Brasil que tratam da questão do cuidar-educar na Educação Infantil no período pós-divulgação do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Além disso, pretende-se discutir as ideias que sustentam a concepção de cuidar e educar e sua relação com a saúde psicológica da criança, norteadas pelos conceitos teóricos de Wallon (1979), com destaque para o conceito de afetividade.

A metodologia adotada, de natureza bibliográfica, consistiu-se em um levantamento bibliográfico das produções científicas constantes no Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), exclusivamente dos programas de pós-graduação em Psicologia, no período compreendido entre os anos de 1999 a 2006.

Vale destacar que a necessidade de pesquisar a própria pesquisa tem sido uma demanda constante na comunidade científica. Para Witter (1999) há de se compor um banco de dados de pesquisas bibliográficas disponível à comunidade, o qual pode ser adotado como um recurso para o processo de tomada de decisão quanto ao direcionamento, financiamento, delineamento de políticas de pesquisas e veiculação dos trabalhos científicos. Nesse sentido essa pesquisa visa contribuir para esse banco de dados.

Panorama da educação infantil brasileira

Antes, porém, vale discutir sucintamente sobre o cenário brasileiro da Educação Infantil, pois, ainda que o Brasil conte oficialmente com um conjunto de Leis, Diretrizes, Resoluções e com a criação de vários órgãos e instituições voltados ao atendimento infantil, está-se muito aquém, no âmbito da prática, da garantia de vagas para todas as crianças e da oferta de Ensino Infantil com qualidade. A realidade contemporânea mostra, em grande medida, um cenário com sérios problemas, seja de ordem política, pedagógica ou administrativa (Campos, 2006).

Atualmente, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a população infantil constituída por crianças de 0 a 6 anos corresponde a 10,2% de toda a população brasileira (189 milhões de habitantes), o que equivale a algo em torno de 19,4 milhões (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009).

Consta que 18,1% da população de 0 a 3 anos frequentam as creches de Educação Infantil, o que corresponde a um total de apenas 2,3 milhões

de um universo de cerca de 13 milhões de crianças nessa faixa de idade. Considerando a faixa de 0 a 3 anos como período crucial para o desenvolvimento da criança, tal como preconizam os autores da Psicologia e demais estudiosos da área (Galvão, 1995; Haddad, 2003; Azevedo & Schnetzler, 2005; Campos, 2006), a situação é ainda mais preocupante. Na faixa etária de 4 a 6 anos o índice é mais favorável, pois 79,8% das crianças frequentam a escola. Em síntese, 45,8% das crianças de 0 a 6 anos frequentam uma instituição de ensino, sendo que o menor índice de frequência, 37,8%, encontra-se na região Norte, e o maior, na região Sudeste, com 49,5%. Todavia, o objetivo estabelecido pelo Plano Nacional de Educação em 2001 para o acesso de crianças de 0 a 3 anos à creche visava atingir em 2006 e 2011, respectivamente, 30,0% e 50,0%. Os dados obtidos indicam o total de 15,5% de crianças frequentando esse espaço no ano de 2006 e até o ano de 2009 apenas 18,1% do total de crianças (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009, 2010). Os dados revelam, de um modo em geral, que apenas metade da meta estabelecida foi cumprida e que o atendimento na Educação Infantil está caminhando a passos muito lentos.

Em resumo, o panorama nacional da Educação Infantil mostra uma população de mais de 19,4 milhões de crianças de 0 a 6 anos, das quais apenas 8,9 milhões frequentam creches ou pré-escolas públicas, privadas e filantrópicas. Desse total é importante enfatizar que pelo menos a metade desses usuários estão nas redes de ensino privado, contrariando o princípio do direito à educação, na rede pública, assegurado pela LDB, que atribui ao Estado, em seu artigo 4º, o dever de oferecer gratuitamente Educação Infantil para todas as crianças. Portanto, há em torno de 10,5 milhões de crianças que estão à mercê de cuidados familiares ou da própria sorte (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2009, 2010).

Métodos

Essa pesquisa, de caráter bibliográfico, compôs-se de um levantamento de todas as

produções científicas constantes no Banco de Dados da Capes no período de 1999-2006, que tratassem da temática cuidar e educar no âmbito educacional. O recorte temporal teve como referência a publicação do RCNEI de 1998 e as produções disponíveis no Portal na época da pesquisa, em 2008.

Essa busca inicial das pesquisas se norteou pelas seguintes palavras-chave (e suas variações): educação infantil; cuidar e educar; cuidado e educação; criança; criança pequena; creche; pré-escolares; atendimento infantil; desenvolvimento infantil; práticas educativas; práticas de cuidado; políticas de cuidado; políticas de atendimento; saúde psicológica. Seguindo o critério acima de busca, foram encontradas no total 136 pesquisas oriundas de todos os programas de pós-graduação no Brasil, já que nessa etapa inicial de pesquisa não foi possível filtrar as palavras-chave e programas de pós-graduação em Psicologia concomitantemente.

Ainda que o foco deste artigo fossem as pesquisas provenientes dos programas de pós-graduação em Psicologia, examinou e reexaminou-se todas as produções mediante leitura exaustiva dos resumos. Foram selecionadas aquelas que correspondessem ou remetessem ao tema proposto. Ao final dessa depuração, as pesquisas que tratavam da temática cuidar e educar, seja de forma central ou tangencial, correspondiam apenas a 6 produções.

Vale esclarecer que, durante a incursão no portal da Capes em busca de pesquisas para análise, deparou-se com um grande número de trabalhos encontrados em outros campos de conhecimento que também discutiam o assunto do cuidar-educar. Em termos quantitativos observou-se um volume considerável de publicações na área da Educação na discussão desse tema com 57,6% do total. A área da Saúde englobando Medicina, Enfermagem, Nutrição, Odontologia, Saúde Mental e Pública com 13,2% do total. Outros campos de conhecimento, como Ciências Sociais, Economia, Direito, Tecnologia, História e Teatro, também possuíam produções acerca do tema no total de 9,4%. Já a área

da Psicologia detinha 19,8% do total das produções encontradas. De certa maneira ficou evidente a pouca expressividade, pelo menos em termos quantitativos, das produções desenvolvidas pela área da Psicologia.

Em face dessa nova constatação optou-se por ampliar e reenquadrar no quadro de investigação e análise das produções científicas por entender que o diálogo com outras áreas poderia servir como um termômetro para avaliar a propriedade da produção da Psicologia sobre o tema, até porque já havia sido detectado quantitativamente o pequeno número de trabalhos da Psicologia face ao tema cuidar-educar.

Dessa forma, escolheu-se quatro teses/dissertações da área da Psicologia e acrescentou-se outras duas pesquisas, oriundas da área da Educação e da Enfermagem (saúde), pelo fato de essas áreas terem apresentado uma produção muito pertinente à área da Educação Infantil. No total, foi reunido um conjunto de seis pesquisas para uma investigação mais detalhada de seu conteúdo, as quais são aqui designadas pelas letras iniciais da área de conhecimento e ano da pesquisa: Psicologia 1999 - PSI99(1); Psicologia 1999 - PSI99(2); Psicologia 2004 - PSI04; Psicologia 2006 - PSI06; Enfermagem 2001 - ENF01; Educação 2005 - EDU05.

Resultados

Considerando que o objetivo desta pesquisa buscou conhecer e analisar as produções sobre o cuidar e o educar na Educação Infantil, realizou-se a análise desses estudos identificando, principalmente, as ideias que constituíam e sustentavam esse conceito e sua relação com a saúde psicológica que apresentavam. A análise do conteúdo e discussão dos achados foram subsidiada pelos princípios propostos no RCNEI e articulada com os conceitos postulados por Wallon (1979) e González Rey (2004).

Após leitura exaustiva na íntegra das seis pesquisas selecionadas, foram construídas três

categorias de análise, a saber: cuidar-educar e afetividade, saúde psicológica e saúde-prevenção.

Quanto à categoria *cuidar-educar e afetividade*, há de se tomar por base os princípios postulados por Wallon (1979), os quais consideram que a relação do cuidar e educar do outro perpassa, eminentemente, pela dimensão afetiva. Nesse sentido, ao lidar com crianças, sobretudo em contextos da Educação Infantil, a relação afetiva é primordial no processo de construção do conhecimento e na atividade de educar. Ela é o fio condutor na busca do conhecimento da pessoa sobre si e na constituição do eu. Contudo, quando à análise das produções verificou-se que a afetividade não foi objeto das discussões. Ainda que duas pesquisas da área da Psicologia tivessem feito menção a Wallon em seu referencial, seus conceitos não foram discutidos.

Das seis pesquisas analisadas, houve uma tendência a olhar a questão do cuidar-educar de uma perspectiva cognitiva, principalmente nas 3 das 4 pesquisas da área da Psicologia, em que o discurso se encaminhou mais para as práticas pedagógicas. Isso denota, de certa forma, uma visão mais pedagógica do que propriamente psicológica do fenômeno. Pressupõe-se que essa tendência nas pesquisas na área da Psicologia, oriundas principalmente da área da Psicologia Educacional, resulta da influência dos princípios postulados pelo RCNEI sobre o cuidar e o educar (Brasil, 1998). Constata-se nesse Referencial uma ambiguidade sobre essa questão, pois, ao mesmo tempo em que se teoriza em favor da indissociabilidade das ações de cuidar e educar, nota-se que a implementação, a concepção, a estruturação, bem como as ações sugeridas pelo documento, recaem no modelo de ensino, ou seja, de escolarização da Educação Infantil. Decorrente disso, observa-se uma prioridade na formação dos professores no âmbito do ensino-aprendizagem e não se enfatiza a formação dos outros profissionais e até mesmo outros elementos como as relações interpessoais, a família e projeto pedagógico, que por sua vez compõem a rede dinâmica desse contexto, conforme afirmam Faria e Palhares (2000) e Haddad (2003).

A concepção de cuidar-educar das pesquisas PSI99(1), PSI99(2) e PSI04 recai sobre uma melhor formação dos professores para as práticas pedagógicas. São pesquisas cujo conteúdo aponta para a problemática do binômio cuidar-educar, originado historicamente dos espaços que acolheram essa população. Portanto, possuem uma visão mais institucional-pedagógica da problemática em si e, nesse sentido, atribuem um peso muito maior à formação do professor. Nessas pesquisas, os estudos têm uma perspectiva muito mais voltada ao *fazer* da ação pedagógica do professor do que ao *se relacionar*.

No entanto, a despeito desses achados, julgou-se relevante fazer algumas interfaces desses dados com o que se observou em uma pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa, do qual a pesquisadora é integrante, "Processos de constituição do sujeito em práticas educativas", e o qual é liderado pela Profa. Dra. Vera Lucia Trevisan de Souza, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, de 2008. No decorrer de uma atividade de extensão de capacitação de um grupo de professores da rede pública do Ensino Fundamental, notou-se que muitos tinham uma formação acadêmica consistente, além de cursos de especialização em entidades de grande prestígio na região. Contudo, esse saber pedagógico pareceu não lhes dar suporte suficiente para lidar com as situações cotidianas que envolvessem afetos junto aos seus alunos, pois sofriam dos mesmos dissabores e eram afetados por eles tanto quanto seus colegas que não possuíam essa formação acadêmica mais elevada. De um modo geral, ainda que as formações pedagógicas fossem distintas, a forma de operacionalizar e desenvolver suas práticas pedagógicas no que concerne aos aspectos afetivos era semelhante.

Diante disso, há de se pensar que outros fatores não revelados estariam impedindo um atendimento adequado às crianças? Que formação é essa que não dá conta de lidar com as diferenças? Logo, entende-se que uma formação pedagógica que prima pelos aspectos cognitivos e intelectuais,

cuja questão da afetividade não é tomada como alvo central da prática pedagógica, não dá conta de implementar uma educação de qualidade, que leve à promoção da saúde psicológica.

Na pesquisa da área da Enfermagem, ENF01, o cuidar foi o foco central do estudo e apontou com clareza as concepções distintas do cuidado familiar e do cuidado institucional, advogando em favor desse último, isto é, o cuidado como um ofício, tal como é concebido no âmbito da enfermagem. Sob essa ótica, o cuidar enquanto ofício está para além de ações caritativas e beneméritas, extrapola todas as situações mais estreitas e imediatas, fazendo-se presente em todas as instâncias do sistema educacional infantil. Nesse sentido, é um cuidar no qual está implícita a questão da afetividade, pois consiste em trocas afetivas que vão ganhando complexidade e sendo substituídas por relações de natureza cognitiva, tais como o respeito e a reciprocidade, à medida que a criança vai se desenvolvendo (Dantas, 1992). Isso requer, do âmbito educacional infantil, a adequação das tarefas relacionadas às possibilidades de cada criança, o fornecimento dos recursos para realização das atividades de modo que ela possa confiar em sua capacidade, ser autônoma, criativa, comunicativa e relacional. São formas de interação a que Dantas (1992) se refere como cognitivização da afetividade.

No que se refere à categoria *saúde psicológica*, esse conceito não foi abordado nas pesquisas diretamente ou de forma clara. Por se tratar de um fenômeno complexo, fez-se uma varredura nas produções a fim de identificar como esse conceito apareceria. Por saúde psicológica, adota-se a definição de González Rey (2004), cujos aspectos básicos que caracterizam a saúde psicológica estão intrinsecamente relacionados a uma personalidade saudável, o que, por sua vez, implica na capacidade de a pessoa ser autônoma, ser afetiva, ser empática, ser criativa, saber lidar com situações adversas e na capacidade de se relacionar, entre outras.

Em razão da escola se fazer presente na vida das crianças desde cedo, ela tem sido um espaço

vital para a promoção da saúde e cabe perguntar qual o seu papel nesse processo. Segundo o que preconiza o próprio RCNEI "uma instituição de Educação Infantil deve ter como objetivo tanto cuidados relacionais, envolvendo a dimensão afetiva, quanto cuidados voltados aos aspectos físicos" (Brasil, 1998, p.24).

Nas pesquisas que foram analisadas, a questão da saúde psicológica aparece relacionada à formação do professor, o que faz supor uma preocupação com os cuidados relacionais e pedagógicos. De uma maneira geral, quatro das pesquisas estudadas tendem a atribuir à prática pedagógica a responsabilidade de conduzir a criança a um desenvolvimento saudável. De fato, há de se compartilhar a importância desta ênfase à figura do professor nesse processo, contudo, se focalizar o olhar apenas nessa relação imediata sem considerar os demais elementos que a sustentam corre-se o risco de se ignorar a grande complexidade de relações que permeiam o campo da Educação Infantil.

Nesse caso, a pesquisa oriunda da área da Psicologia PSI99(2) apresentou uma proposta de trabalho em que defende a concepção de uma Pedagogia da Relação, logo, todos os agentes direta e indiretamente envolvidos com o sistema educacional assumiriam equitativamente com compromisso, qualidade e conhecimento a responsabilidade pelo desenvolvimento da criança (Mello, 1999). Entende-se que é uma proposta assentada em uma perspectiva de saúde psicológica, cujo olhar se volta prioritariamente para todas as relações existentes nas escolas e para as subjetividades que são produzidas por estas relações. Trata-se de um modelo de trabalho que ultrapassa tanto o determinismo assistencialista quanto o determinismo escolarizante, remetendo a um princípio educacional que assume a perspectiva de multifuncionalidade, cuja atuação é constituída por um trabalho conjugado tanto na esfera pública quanto na privada por agentes envolvidos. Assim, não caberia só ao professor tal incumbência, mas também aos demais profissionais e instâncias, o que

configura uma gestão da Educação Infantil de qualidade, alinhando-a a concepções de outros pesquisadores da área (Haddad, 2003; Campos, 2006). Essa proposta defendida por Mello (1999) que consiste na valorização das relações interpessoais está imbuída, de certa maneira, da concepção de afetividade como elemento crucial na mediação dessas relações, tal como considera Wallon (1979), para quem os afetos permeiam todo o processo de desenvolvimento da criança e compõem como fundamentais na relação ensino-aprendizagem.

Já a pesquisa ENF01, da área de Enfermagem, ao buscar constituir um corpo de conhecimento sobre o cuidar no ambiente educacional infantil, atribuindo-lhe o caráter de "ofício", traz em sua concepção elementos essenciais que sustentam a existência e a implementação de uma socialização infantil extrafamiliar. Além disso, convoca a presença do Estado como um cotutor, cuja atuação deve seguir os princípios de uma política que assegure os direitos da criança, removendo assim as inconsistências e dicotomias geradas por modelos anteriores caracterizados por uma prática benemérita ou caritativa, que, por sua vez, se assenta em uma concepção de política das necessidades. É uma pesquisa que advoga por uma prática educacional infantil que não se limita à saúde pedagógica, mas que promova a saúde da criança em todas as suas dimensões.

Quanto à categoria que remete à questão da *saúde-prevenção*, atentou-se para as pesquisas que além de criticar o modelo existente apontavam e mencionavam ações preventivas com vistas à superação do binômio cuidar-educar dentro do contexto educacional infantil. Enfatizavam as iniciativas decorrentes do âmbito pedagógico, pois o consideravam como primordial, chamando a atenção para a urgência de maiores investimentos na formação dos professores, tanto inicial como continuada.

Além de compartilhar esses princípios, a pesquisa da área da Educação EDU05 amplia essa visão defendendo a implementação de iniciativas de

cunho preventivo no âmbito da formação, das práticas pedagógicas e das políticas públicas, por meio de ações voltadas à reformulação curricular da formação, à profissionalização da categoria entre outras do âmbito das políticas públicas.

A pesquisa PSI99, da área da Psicologia, por sua vez, destaca a necessidade de se trabalhar em uma perspectiva preventiva no âmbito institucional-político, tomando como ponto de partida uma gestão eficiente, que tenha um projeto pedagógico cujo currículo se constitua de práticas pedagógicas voltadas para a criança, para a relação creche-família, para a formação continuada dos professores e para sistematização dessas ações, seguindo o modelo de trabalho integrado.

Já a pesquisa da área da Enfermagem ENF01 tem como pressuposto de prevenção uma atuação no âmbito conceitual-institucional-educacional, na medida em que reconceitualiza o fenômeno do cuidar como indissociável do educar e o toma como central no atendimento à criança em todos os âmbitos: família, educação e saúde. Esse entendimento resulta na possibilidade de se desenvolver um modelo de abordagem integrada de educação, conforme iniciativas tomadas pela Suécia com grande sucesso (Haddad, 2003).

Portanto, medidas preventivas requerem ações decorrentes tanto do âmbito pedagógico, institucional, como das políticas públicas.

Conclusão

Retomando o objetivo deste estudo, buscou-se analisar as produções científicas que tratam da questão do cuidar-educar na Educação Infantil identificando as ideias que sustentam esse conceito e sua relação com a saúde psicológica. Ainda que o foco da pesquisa eram as produções dos programas de pós-graduação em Psicologia, fez-se necessário agregar outras pesquisas de outras áreas de conhecimento, dada a importância e relevância que essas produções acrescentariam à essa pesquisa.

Constatou-se que esse tema nas pesquisas dos programas de pós-graduação em Psicologia apareceu relativamente em menor número de publicações quando comparado com outras áreas do conhecimento.

Considerando que a área que trata desse assunto é a Psicologia Educacional-Escolar e sabendo que as questões de pesquisa nascem da problematização das práticas sociais dos profissionais quando da constatação da ausência de conceitos ou experiências de ordem teórico-práticas para explicarem dados e fenômenos, há de se perguntar se a pouca produção da Psicologia sobre a questão do cuidar-educar na Educação Infantil não teria relação com a ausência ou pouca inserção de psicólogos educacionais atuando em instituições de Ensino Infantil. Por outro lado, a ausência deste profissional da Psicologia nesses espaços talvez possa ser explicada pela forma como historicamente tem se desenvolvido o trabalho nestas instituições, cujas práticas por vezes estão mais a mercê de uma concepção voltada aos cuidados físicos e à dimensão pedagógica do que efetivamente à promoção da saúde das relações, sobretudo a psicológica. É fato que questões de natureza relacional, comportamental, afetiva e emocional presentes no ambiente educacional têm sido vistas e tratadas como problemas cujas soluções não cabem às instituições educacionais e escolares e daí são encaminhadas para outras instâncias, sejam institucionais, sociais, médicas ou psicológicas.

Se não há um movimento efetivo da Psicologia, principalmente da Psicologia Educacional-Escolar, na investigação destas questões, outras áreas de conhecimento têm investido neste tema e já ocupam um lugar significativo tanto na produção de conhecimento quanto na construção de propostas para a implementação de políticas públicas. Neste sentido, a área da educação lidera a produção científica no que concerne ao número de pesquisas ou aos avanços e descobertas que essa produção propiciou, inclusive na formulação dos Referenciais Curriculares de Educação Infantil que

norteiam o atendimento às crianças de 0 a 6 anos, além de subsidiar a implantação de várias outras políticas públicas. Outrossim, observam-se avanços na forma de conceber a relação cuidar-educar, inclusive no que concerne a uma postura mais crítica, que examina as influências nesse contexto, segundo perspectivas político-filosóficas. É esta área que tem propiciado que se repensem as práticas pedagógicas, os currículos, as relações com as famílias etc., trazendo para a reflexão a dimensão afetiva do desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Além da Educação, outras disciplinas da área da Saúde, como a Enfermagem, por exemplo, têm se voltado para essa rede social, questionando, debatendo e investigando, e, em consequência desse movimento, têm contribuído para a implantação de ações por várias instâncias governamentais, como é o caso do Programa Saúde na Escola (PSE), desenvolvido pelo Governo Federal, que conta com a participação de vários profissionais da área da saúde e até então a presença do psicólogo é pouco expressiva.

Em relação às ações dicotômicas das práticas de cuidar-educar presentes no Ensino Infantil, as pesquisas mostraram que tal dicotomia é reforçada por três situações: ausência de entendimento científico, político e institucional do conceito de criança enquanto cuidados institucionais; necessidade de articulação teórico-prática na formação inicial dos professores e falta de reconhecimento social do profissional da Educação Infantil. Diante disso, torna-se imprescindível que os esforços para a superação dessa dicotomia devem emanar tanto do âmbito acadêmico, do âmbito curricular, quanto - do âmbito político e social. Ainda que a implantação de uma educação de qualidade com vistas à promoção da saúde psicológica dos alunos requer prioritariamente um maior investimento na melhor formação dos profissionais da Educação Infantil, faz-se necessário considerar também um conjunto de outras ações que envolvem tanto a esfera legislativa e política quanto a acadêmica.

Em suma, no âmbito educacional, advogar em favor de uma melhor formação dos profissionais da Educação é um fato urgente e necessário, no entanto, não se pode deixar de olhar para outras esferas do próprio sistema educacional, quais sejam: instâncias legais, administrativas/organizacionais, estruturais, funcionais/relacionais. São instâncias que devem ser chamadas para responder às questões que dizem respeito à falta de investimento na escola, à ausência de projetos que envolvam as famílias e à questão da gestão institucional.

Nesse sentido, se faz muito pertinente um Programa de Educação Infantil que contemple todas essas convocações, demandas e especificidades e que traduza na prática todos os princípios de um atendimento de Educação Infantil com qualidade, o qual leva à promoção da saúde psicológica da criança.

Com isso, há de se pensar que a integração cuidar-educar está próxima de ser alcançada tanto no âmbito das políticas públicas, quanto nas produções teóricas e nas práticas de atendimento. Parece que há uma aproximação da concepção cujo sentido seja equivalente ao atribuído à palavra inglesa *educare*, em que o cuidar e o educar são elementos intrínsecos, que constituem e mantêm uma mesma unidade.

Contudo, esse avanço precisa ser conquistado pelos estudos da Psicologia, sobretudo no âmbito educacional, que tem como foco de investigação as subjetividades em relação, pois o que se constata é uma tendência da Psicologia em assumir uma perspectiva mais pedagógica do que psicológica para explicar o fenômeno aqui investigado. Dessa maneira acaba de certa forma se distanciando enquanto campo de investigação científica do seu objeto de estudo.

Enquanto isso outras áreas do conhecimento, em destaque a área da saúde, segundo a busca bibliográfica aqui representada pela enfermagem, têm apresentado contribuições significativas para o campo da Educação Infantil, oferecendo explicações de sua perspectiva para as grandes questões conceituais constituintes desse contexto. São

questões carregadas de ambiguidades e contradições cujas distorções recaem nas práticas educacionais e iniciativas políticas. As postulações e achados científicos oriundos dessa pesquisa da área da enfermagem vêm esclarecer e responder muitos desses problemas conceituais que permeiam o cenário educativo, levando a uma compreensão comum do termo *cuidar*, qualquer que seja a perspectiva científica ou olhar político adotado. Logo, a enfermagem acaba também fornecendo elementos essenciais para validar sua presença, enquanto campo do conhecimento e profissão, junto às políticas públicas na área da Educação Infantil e nos espaços infantis, e a exemplo dessa área entende-se que a Psicologia, primordialmente do âmbito educacional, deve buscar legitimar seu papel enquanto profissão na área da educação, guiada à luz de seu objeto de estudo, as subjetividades em relação à saúde psicológica.

Referências

- Azevedo, H.H.O.; Schnetzler, R.P. O binômio cuidar-educar na educação infantil e a formação inicial de seus profissionais. In: Reunião Anual da Anped, 28., 2005, Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro: Anped, 2005. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: maio 2007.
- Brasil. Ministério da Educação. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC, 1998.
- Campos, M.M. *Consulta sobre qualidade da educação infantil brasileira: relatório técnico final*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2006.
- Dantas, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: La Taille, Y.; Dantas, H.; Oliveira, M.K. *Piaget, Vigotski e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p.85-98.
- Faria A.L.G.; Palhares, M.S. (Org.). *Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Situação da primeira infância no Brasil*. Brasília: Unicef, 2008.
- Galvão, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- González Rey, F. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- Haddad, L. Um novo paradigma na integração do cuidar e do educar. *Revista Pátio*, v.1, n.1, p.10-12, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/>>. Acesso em: jun. 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

Mello, A.M.A. *História da carochinha: uma experiência para educação de crianças abaixo de 3 anos em creche*. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999.

Tiriba, L. Educar e cuidar ou, simplesmente, educar: buscando a teoria para compreender discursos e práticas.

In: Reunião Anual da Anped, 28., 2005, Caxabu. *Anais...* Rio de Janeiro: Anped, 2005. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/28/gt07.htm>. Acesso em: maio 2007.

Wallon, H. O papel do outro na consciência do eu. In: Wallon, H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Editorial Veja Universidade, 1979. p.147-160.

Witter, G.P. (Org.) *Produção científica em psicologia e educação psicologia escolar*. Campinas: Alínea, 1999.

Recebido em 14/2/2012, reapresentação em 18/7/2012 e aceito para publicação em 1/8/2012.